

COLONO & MOTORISTA

Rafaely Machado

No caminho dos imigrantes

Uma data de homenagens e reconhecimentos, o 25 de julho representa o início da imigração alemã no Rio Grande do Sul a partir de 1824. Com inegável contribuição para o desenvolvimento, a colonização está presente no cotidiano das famílias, como ocorre no Vale do Rio Pardo.

Da mesma forma, os motoristas, muitos deles descendentes de imigrantes, são reverenciados neste dia em alusão ao padroeiro São Cristóvão. Com histórias que se conectam em muitos momentos, as duas categorias possuem uma inegável importância em torno do progresso.



História a ser lembrada

O DIA 25 DE JULHO marca o início da imigração alemã para o Brasil a partir de 1824

Muito além de monumentos e manifestações culturais, a imigração alemã representou um marco na história do Rio Grande do Sul. Para compreender como tudo isso aconteceu é preciso fazer uma volta no tempo, mais precisamente para o dia 25 de julho de 1824.

Essa data é referenciada como o início das migrações alemãs para o Brasil com a fundação da Colônia de São Leopoldo, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. “No Rio Grande do Sul, foram fundadas as colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas, São Pedro de Alcântara das Torres e São João Batista das Missões pelo governo imperial a partir de 1824, sob as mesmas bases do estabelecimento dos colonos suíços em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, a partir de 1818: concessão gratuita de terras, ferramentas e subsídios”, explica o professor e pesquisador Jorge Luiz da Cunha, doutor em História Medieval e Moderna Contemporânea pela Universität Hamburg.

A expectativa, no entanto, foi um pouco diferente da realidade. A promessa de “vantagens” aos colonos nem sempre aconteceu. Entre os problemas identificados à época, estavam a falta de demarcação dos lotes e o descumprimento de itens previstos em um decreto de 1818. Com isso, conforme o professor, o governo prussiano decidiu intervir, o que resultou na autorização, por parte do governo imperial brasileiro, do pagamento das passagens, subsídios diários e concessão gratuita dos lotes. Para explicar o cenário como tudo aconteceu, nas páginas a seguir, Cunha analisa o processo diante dos arranjos políticos e econômicos que envolveram o processo.

Fotos: Banco de Imagens/GS



Imagens dos primeiros anos de Santa Cruz do Sul mostram como a vila foi se desenvolvendo a partir da chegada dos imigrantes



Com a vinda dos imigrantes, muitas mudanças ocorreram contribuindo para a formação de importantes polos econômicos no Estado

Parabéns às mãos que nos alimentam e guiam o progresso desta nação!

25 de Julho
Dia do Colono e Motorista

Rua Vereador Rudi Muller, 233 | Pavilhão 2 | Distrito Industrial | Santa Cruz do Sul | RS

(51) 3711 6593

(51) 9 9637 6221

Produmais Agrícola

Produmais_Agrícola

vendas.nc@produmais.com.br



- ✓ Assistência técnica à lavoura
- ✓ Venda de sementes
- ✓ Toda linha de insumos fertilizantes e defensivos

ProduMais
AGRÍCOLA

A PARCERIA CERTA PARA SUA LAVOURA

PRODUTOR DE TABACO INTEGRADO: **Jorge Luiz Hermes**

JTI

*Eu acredito na importância
de quem planta e transporta.*

**EU QUERO CRESCER PARA
IR MAIS LONGE.**

NÓS TAMBÉM.

Nossa história não seria a mesma sem os profissionais que dedicam suas vidas a produzir e transportar as riquezas da nossa terra.

Hoje é dia de reforçar a diferença positiva que o trabalho no campo e na estrada fazem para o nosso setor.

jti.com/brasil

25 de julho | Dia do Colono e Motorista

Tempos de mudanças

IMIGRAÇÃO foi motivada por uma série de aspectos, como a supressão do tráfico escravo

O contexto em que se deu primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul merece algumas reflexões, propõe o professor Jorge Cunha. “Havia a necessidade do governo, na época da independência e mesmo antes, de criar uma classe média na estrutura social brasileira, então formada pela aristocracia escravista, de um lado, e pelos sem posses, de outro. Uma classe média que deveria ser capaz de desenvolver a policultura, tão necessária ao abastecimento das cidades em expansão e dos exércitos em campanha”, ressalta.

Esta preocupação não era nova. Mesmo antes da vinda da corte portuguesa, José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782) manifestou a intenção ao tentar criar colônias de açorianos, nos extremos norte e sul do Brasil, para a formação de uma classe média econômica e socialmente independente dos latifundiários. No entanto, a estratégia não deu certo, uma vez que havia um certo desprezo pelo trabalho corporal por parte dos imigrantes.

Por volta de 1808, dom João passou a demonstrar o interesse em aumentar a população do Brasil tendo em vista a promoção da riqueza e prosperidade do Sul do País, bem como a defesa das fronteiras em tempo de guerra.

“A partir de 1810, manifestou-se, mais claramente, uma nova preocupação: o suprimento de braços para a economia, que urgia ser repensado diante das pressões inglesas. Em março de 1809, a Inglaterra, ansiosa por novos mercados para suas manufaturas, aboliu o tráfico de africanos para todos os seus súditos e colônias, e passou a pressionar seus aliados para que adotassem medidas semelhantes. O sistema escravista vigente no Brasil consistia num sério obstáculo à expansão inglesa”, aponta o professor. Isso porque nesta forma de trabalho o escravizado era privado do poder aquisitivo, o que limitava a expansão do mercado para os produtos de origem inglesa.

E como a Inglaterra tinha interesse em aumentar seu mercado consumidor, a abolição da escravatura era fundamental. “Diante disso, Portugal, durante as guerras napoleônicas, inteiramente dependente da potência inglesa, viu-se obrigado, pelo tratado de amizade e comércio assinado em 19 de fevereiro de 1810, a condenar por princípio o tráfico e limitá-lo ao sul do Equador. Em 1817, Portugal assinou uma nova convenção com a Inglaterra, em que era prevista a completa extinção do tráfico negreiro e estipulada a mútua investigação de seu cumprimento. Esta decisão veio acompanhada de uma série de medidas estratégicas tendo em vista o apoio inglês.



Banco de Imagens/GS

Cunha: houve influência inglesa

“**Havia a necessidade do governo, na época da independência e mesmo antes, de criar uma classe média na estrutura social brasileira, então formada pela aristocracia escravista, de um lado, e pelos sem posses, de outro. Uma classe média que deveria ser capaz de desenvolver a policultura, tão necessária ao abastecimento das cidades em expansão e dos exércitos em campanha.**”

Escravos

Com a independência, o Brasil reconheceu os tratados e convenções celebrados por Portugal prevendo a proibição completa do tráfico de escravizados a partir de 13 de março de 1830. Inclusive, um decreto imperial de 1831 previa castigos aos transgressores desta e outras regras com propósito semelhante. “Todo este aparato judicial não passou de letra morta, apesar das constantes e insistentes pressões inglesas, que acabaram produzindo resultado somente em 1850, com a radicalização provocada pela chamada Aberdeen Act – de 8 de agosto de 1845, com esse nome em homenagem ao ministro inglês de relações exteriores Lord Aberdeen – ou Slave Trade Suppression Act, promulgada pela Inglaterra, proibindo o tráfico de escravizados africanos”, complementa o pesquisador.

Para entender a colonização

- 1 A primeira fase da colonização com imigrantes não portugueses foi pautada pela expectativa da supressão do tráfico. Os grandes fazendeiros, mais capitalizados, compravam todos os escravizados que podiam, exatamente dos pequenos proprietários produtores de alimentos.
- 2 Os gêneros de primeira necessidade se tornavam escassos, e seu preço subia muito. Essa situação ocupou o governo imperial nos primeiros anos da independência. O estabelecimento de colônias de estrangeiros – pequenos proprietários que utilizavam sua própria força de trabalho, nas regiões não ligadas diretamente à produção destinada ao mercado externo – atenuou os efeitos da crise de mão de obra na produção de alimentos. Também permitiu a migração de escravizados dessas regiões para as regiões monocultoras, substituindo o braço escravo pelo braço imigrante na produção de alimentos.
- 3 Além da questão da supressão do tráfico, há um ponto que não deve ser desprezado na análise do contexto que motivou o começo da imigração e colonização alemã no Brasil: a necessidade política de formação de esquadrões de soldados que defendessem a independência brasileira ante as pretensões portuguesas.
- 4 O modo como se processou na Europa o recrutamento de colonos e soldados, junto com o fracasso da organização dos batalhões de estrangeiros, resultou em completo descrédito da imigração para o Brasil entre os opositores de dom Pedro I no Brasil, de um modo contundente, e entre a maioria dos governos europeus, especialmente na Alemanha. Prova do descrédito disso está na lei do orçamento de 1830, que projetava os próximos dois anos financeiros. O texto abolia quaisquer despesas com imigração e colonização no império brasileiro. A lei de orçamento de 1830 espelha a crescente oposição à política de dom Pedro I, e foi uma reação ao excesso de dinheiro gasto com os batalhões de alemães. Interrompeu-se também, assim, a contratação de mercenários para o Império como motivação para a entrada de estrangeiros no País, pelo menos até 1851, quando chegou ao Brasil a Legião Alemã, com 1.770 soldados.

Fonte: Jorge Luiz da Cunha

SOMOS GRATOS
A VOCÊ POR

**PRODUZIR E
CONDUZIR**

O DESENVOLVIMENTO
DA NOSSA TERRA.



25 DE JULHO
DIA DO COLONO E MOTORISTA

PARABÉNS!

PREMIUM
TABACOS DO BRASIL

Desafios e superações

COLONIZAÇÃO teve papel estratégico na evolução socioeconômica do Rio Grande do Sul

Passados 25 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, o ano de 1849 marca a fundação da Colônia de Santa Cruz. Registros apontam que os pioneiros se instalaram na região onde hoje fica o Bairro Linha Santa Cruz. No local, inclusive, há uma placa indicando a primeira rua aberta na área conhecida como Alte Pikade.

Este fato é considerado um marco em relação à formação do município, que hoje ainda possui importantes traços da colonização presentes no cotidiano das famílias. Um aspecto que chama a atenção naquela época são as providências tomadas pelo vice-diretor da colônia, Evaristo Alves de Oliveira, que buscou tornar conhecida dos colonos recém-chegados a lei provincial 183, de 18 de outubro de 1850. O texto, segundo o professor e pesquisador Jorge Luiz da Cunha, proibia a introdução de escravos no território de Santa Cruz e solicitava ao governo provincial a presença de uma polícia que deveria ser localizada logo na entrada da colônia, para assegurar o cumprimento da lei e guardar a tranquilidade e a segurança públicas.

“Essa acentuada preocupação, com a não introdução de escravos na nova colônia, revela claramente o duplo e contraditório caráter da colo-

nização estrangeira no Rio Grande do Sul do século XIX: o de renovar as práticas econômicas tradicionais através da introdução de novas relações de trabalho e o de não concorrer com a economia tradicional baseada na exploração de mão de obra escravizada”, enfatiza.

Documentos da época ajudam a ter uma noção a respeito da situação vivenciada pelos imigrantes. Um deles, de acordo com o professor Jorge Cunha, indicava a presença de tigres que incomodavam matando cães presos em correntes. Também alertava para a presença de especuladores que “os obrigão a soffrer fome” pelo alto preço dos gêneros de primeira necessidade, que os colonos não conseguiam produzir, pois precisavam primeiro se abrigar em ranchos de pau a pique e depois derrubar a mata para então lançarem as primeiras sementes.

“Apesar das dificuldades iniciais e das despesas públicas realizadas, que somam volumosos gastos com subsídios, transporte, demarcação e administração, a população cresce ano a ano com a chegada de novos colonos, somando em 1851 ao todo 175 habitantes arranchados de um e de outro lado da Picada de Santa Cruz, numa extensão aproximada de 15 quilômetros”, complementa o professor.

Santa Cruz

Os primeiros números indicavam os reflexos que a imigração trouxe para a Colônia de Santa Cruz. Em 1853, por exemplo, era possível identificar a presença de 196 lotes distribuídos e que os 692 habitantes viviam em relativa abundância, pois produziam feijão, milho, batata, cevada, linho e principalmente o fumo. Inclusive, no mesmo ano há registro de exportação, através de Rio Pardo, de 245 sacos de feijão e 160 arrobas de tabaco em rama.

A prosperidade foi tamanha que o presidente da província, Espiridião Eloy de Barros Pimentel, escreveu em um relatório de 1864 que a Colônia de Santa Cruz era a mais rica, pais populosa e mais importante da província.

Mas os relatórios oficiais, alerta o professor Cunha, não demonstravam a realidade dos recém-chegados. Um ofício de 24 de outubro de 1853, assinado pelo diretor da colônia, João Martim Buff, expunha isso. No documento constava uma petição de cem colonos da picada Rio Pardinho, que viviam de esmolas, inclusive já tendo vendido pertences e roupas. O texto indicava que eles demoravam a se acostumar com o trabalho na mata e necessitavam de pelo menos um ano de subsídios oficiais para se arranjar.

Documentos da época ajudam a ter uma noção a respeito da situação vivenciada pelos imigrantes. Um deles indicava a presença de tigres que incomodavam matando cães presos em correntes

Para impulsionar a economia do país e a sustentabilidade, a geração do campo está sempre à frente

Assim como Delair, Renate, Diego e Marlucci, de Venâncio Aires (RS), produtores e transportadores são os protagonistas do desenvolvimento regional.

O trabalho dedicado da geração do campo impulsiona a economia do país, produz e entrega qualidade, produtividade e riqueza, cuidando do seu bem-estar e do meio ambiente, preservando e recuperando os recursos naturais.

A Alliance One orgulha-se dessa parceria, que traz resultados e sustentabilidade para toda região.



Guidelaine

25 de julho - Feliz dia do Colono e Motorista!

AllianceOne

Homenagens e reflexões

TRADICIONAIS celebrações serão realizadas em formato diferente, com missas e desfiles

Mais do que desfiles e festividades nas comunidades, este domingo, 25 de julho, tem um sentido maior que visa estimular as reflexões sobre a importância e o papel do imigrante na formação da atual sociedade. Muito além de uma figura associada ao trabalho agrícola – ainda que esta seja uma marca muito presente –, o momento é dedicado ao reconhecimento acerca de tudo o que esse processo representou e continua representando nas comunidades.

Conforme o professor e pesquisador Jorge Luiz da Cunha, da mesma forma que os registros históricos demonstram os fatos que envolveram a vinda dos imigrantes, é fundamental que sejam realizadas iniciativas que resgatem o início do processo migratório de estrangeiros alemães no Sul do Brasil.

Para isso, ele salienta a importância de iniciativas que levem à pesquisa, ao registro e à divulgação de conceitos críticos sobre as migrações humanas de um modo geral. “Atividades, especialmente comemorativas, que possam contribuir para que novos conceitos sejam pensados e formulados e tenham um efeito político, não meramente festivo ou autorreferenciado na construção de uma tradição – apenas folclórica – imaginativamente construída sobre a imigração e colonização alemã no Brasil”, complementa.

Esse tipo de atividade, conforme Cunha, deve criar possibilidades de reflexão crítica em todas as áreas do conhecimento. Com isso, o professor salienta que será possível contribuir com a prática político-cultural acerca da história da imigração germânica, recuperando o papel da memória e da identidade cultural para a construção de uma unidade humana e não discriminatória, como acontece nas comemorações organizadas nas comunidades.

Atividades comemorativas devem ser desenvolvidas com o objetivo de valorizar e resgatar aspectos relacionados à imigração. Da mesma forma, este tipo de iniciativa contribui para reforçar aspectos culturais e sociais.



Inaugurado em 25 de janeiro de 1969, monumento faz homenagem para os imigrantes alemães

Comemorações

Em Santa Cruz do Sul, a data em homenagem ao colono e motorista foi instituída em 1993, a partir de um projeto do então vereador Hardi Panke. A homenagem visa reconhecer o papel dessas figuras em torno do progresso do município.

Para marcar seus 35 anos e com a temática dos 197 anos da imigração alemã, o **Centro Cultural 25 de julho** programou uma *live* de aniversário para este sábado, às 20 horas. A transmissão será pelo Facebook e YouTube do Centro Cultural 25 de julho.

Paróquia Ressurreição – Neste domingo, às 9 horas, acontece a missa, carreata e almoço *drive-thru*.

Boa Vista – Missa neste sábado às 18h30, e depois bênção aos veículos.

Monte Alverne – Haverá missa às 9 horas neste domingo, depois desfile e bênção dos veículos.

João Alves – Não há programação.

Monte Alverne – Não há atividades.

Rio Pequeno Sinimbu – Culto festivo neste domingo, às 9h30.

Vera Cruz – Neste domingo acontecem blitzes no Centro, Vila Progresso, Linha Henrique D’Ávila e Ferraz entre 10 horas e meio-dia. Em Ferraz, está programada a venda de almoço no sistema *drive-thru*.

Venâncio Aires – A celebração preparada por motoristas está marcada para primeiro de agosto. A previsão é realizar um desfile motorizado com saída da Ra Carlos Wagner, às 9 horas.

Para saber

1 Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a primeira colônia fundada em 1824 foi estabelecida em lotes da Real Feitoria do Linho Cânhamo e Estância Velha. A primeira Real Feitoria do Linho Cânhamo ficava na Ilha de Canguçu, na Laguna dos Patos, em 1783. Seu objetivo era a produção de linho para a fabricação de cordoalha náutica, para a Coroa. Em 1803, foi transferida para o “Fachinal da Courita” (Feitoria Velha), junto à margem esquerda do Rio dos Sinos. No mesmo lugar, na margem direita do rio, entre os arroios das Pedras, Portão e Costa da Serra, em terras de campos e matos desapropriados no começo do século 19 para a criação de gado, localizava-se a Estância Velha. Ambas foram extintas em 1824, com a fundação de São Leopoldo.

2 Essa primeira experiência no Rio Grande do Sul não dispunha de uma regulamentação legal própria. Os primeiros alemães que ali chegaram receberam as vantagens oferecidas aos colonos de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

3 São Leopoldo era uma colônia sob a responsabilidade do governo imperial, criada por dom Pedro I. Ela fazia parte dos interesses estratégicos da Coroa, que recrutava na Europa imigrantes, em sua maioria destinados aos batalhões de estrangeiros do imperador e à fundação de colônias em regiões remotas do sul do País para a defesa de suas províncias.

É TRABALHANDO EM CONJUNTO COM AGRICULTORES E MOTORISTAS QUE AQUECEMOS A ECONOMIA E ALIMENTAMOS O NOSSO PAÍS.

Parabéns Colono e Motorista



CÂMARA DE VEREADORES DE SANTA CRUZ DO SUL

A voz da comunidade. Atuação com ética, transparência e economia.



Tradição de família

MORADOR DE ALTO SINIMBU destaca a satisfação de viver no meio rural

Por mais que o tempo passe e os hábitos mudem, algumas tradições se renovam entre as famílias. Como em um movimento contínuo, filhos aprendem com os pais aquilo que foi ensinado pelos avós. Mesmo que os hábitos se adaptem ao tempo, a essência se preserva.

Esse é o sentimento do agricultor Valdir Pranke (foto), de 49 anos. Morador de Alto Sinimbu, ele nasceu e cresceu naquela região onde a paisagem é cercada por matas densas e rios com água pura. A tranquilidade do local, o sentimento de orgulho em ver o alimento brotar da terra e a satisfação em dar continuidade àquilo que aprendeu com seus antepassados são motivo de inspiração para ele.

“Na colônia, ainda é possível viver com mais tranquilidade e segurança. A gente tem tudo o que precisa e, mesmo que precise trabalhar muito, aqui é mais gratificante”, resume, acomodado sobre uma carroça onde carrega madeira recolhida nas matas.



Casado com Melani e pai de Mariane, o agricultor se dedica ao plantio de tabaco desde jovem. Estudou na escola próxima de casa e só vai para a cidade quando precisa. “Prefiro ficar por aqui”, resume.

Quando fala da sua história e da identificação com a colônia, Valdir diz que sente orgulho de manter uma tradição de família. “Acho que temos esta missão como agricultores, abastecer quem vive na cidade”, afirma. E por esses motivos, o dia 25 de julho, para ele, será marcado pela satisfação de fazer parte da história.

Produtores de tabaco avançam no caminho das práticas sustentáveis

A UTC Brasil, empresa integrante do Grupo CNT, iniciou neste mês a distribuição do Manual de Sustentabilidade para seus produtores integrados da Região Sul do Brasil. A publicação, focada em práticas sustentáveis da produção de tabaco, tem como objetivo dar suporte ao trabalho feito na área de campo por orientadores agrícolas e técnicos de pesquisa. “Ao longo de nossa trajetória, a sustentabilidade sempre fez parte do negócio, uma vez que a empresa atua com foco no longo prazo, visando proporcionar aos produtores maior produtividade e rentabilidade”, destaca o diretor de Operações, Ricardo Menezes Sperb.

Segundo ele, o manual vem ao encontro do trabalho técnico já realizado pelos orientadores, que fornecem segurança na produção do tabaco, de forma que os produtores possam aplicar as melhores práticas agrícolas. “Nós trabalhamos incansavelmente para obter os melhores resultados em todas as etapas da produção. É nosso compromisso garantir que a sustentabilidade seja efetiva em cada processo, desde a escolha das sementes até o produto final de excelente qualidade”, resalta Sperb.

No Manual Sustentabilidade estão conteúdos voltados à produção de mudas de tabaco, manejo do solo e da água, instalação e condução da lavoura, bem como organização e gerenciamento da propriedade rural. O material é baseado em novas tecnologias e técnicas inovadoras para oferecer um produto de forma mais sustentável, que atenda às exigências do mercado.

Vida tranquila e segurança do interior são alguns dos aspectos valorizados no dia a dia dos descendentes de imigrantes, como Valdir Pranke

25 de Julho

DIA DO COLONO E MOTORISTA

A qualidade mundialmente reconhecida do tabaco brasileiro, é resultado do trabalho e da dedicação de milhares de produtores que escolheram o campo para viver e trabalhar. Tiram da terra o sustento da sua família e contribuem para o desenvolvimento do agronegócio.

Nossa homenagem aos que com mãos fortes cultivam e transportam um futuro melhor.

MATRIZ
VENÂNCIO AIRES/RS, BRASIL
RSC 287 – Km 78, Distrito Industrial
95800-000 | Caixa Postal 160
55 51 3090-0010 | utc@utcleaf.com.br

www.utcleaf.com.br

UNIDADES
SANTA CRUZ DO SUL/RS, BRASIL
BR 471 – Km 121,8 – Bairro Várzea
CEP: 96814-400

ITAIÓPOLIS/SC, BRASIL
Rua Alexandre Ricardo Worell, s/n.
Bairro Lucena – CEP 89340-000

Member of

UTC BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TABACO LTDA

Das dificuldades no passado às importantes conquistas

José Augusto Borowsky
Jornalista e pesquisador

Quando os colegas Romar Beling e Dejour Machado estavam preparando a pauta do caderno festivo deste 25 de julho, recebi deles o convite para produzir um texto lembrando das difi-

dades enfrentadas pelos imigrantes e os eventuais reflexos que elas têm nos dias de hoje.

Muitas situações poderiam ser analisadas. Mas pelas leituras e pesquisas que tenho feito, para produzir a coluna *Memória, da Gazeta do Sul*, quero crer que a mais emblemática seja a da saúde. As dificuldades que os primeiros mora-

dores enfrentaram foram enormes. E a superação deu-se sempre com luta e união, o que criou nas gerações futuras o desejo de melhorar e de avançar. Penso que as antigas ações ajudaram a impulsionar as conquistas que temos hoje e que colocam Santa Cruz como um dos polos mais importantes do Estado nesse setor.

Durante 95 anos, o HSC esteve sob a administração e cuidado das irmãs franciscanas e, em 2003, representando um marco nessa trajetória, foi adquirido pela Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (Apesc). Desde então foram realizadas significativas melhorias e investimentos que consolidaram a instituição como uma referência em sua área de atuação, com a implantação de novos serviços e parcerias e iniciativas que ampliaram os benefícios à comunidade



Nossa homenagem aos que cultivam a terra para nosso sustento e aos que cruzam o país transportando as nossas riquezas!



Agrinobre
Mais vida para sua planta.

<https://www.agrinobre.com.br>



Evolução em nome da saúde

Ao chegarem na terra prometida, em dezembro de 1849, os imigrantes se encontraram no meio da selva, sem qualquer tipo de assistência à saúde. Em fevereiro de 1851, começou a luta para mudar essa realidade. O diretor da colônia, João Martin Buff, solicitou à Câmara de Rio Pardo a destinação de um médico para atender os moradores. A resposta foi de que não havia verbas para isso. Mas ninguém esmoreceu. Já no final daquele ano, o médico riopardense Antonio Ferreira de Andrade Neves vinha atender aqui, mas de forma esporádica.

Mas a comunidade não estava satisfeita. Em 1859, chegou o médico Júlio Laun, que ficou pouco tempo. Mais dois ou três vieram, mas apenas para campanhas de vacinação.

No ano de 1889, surgiu a primeira boa notícia, pois nascia o Sanatório Vida Nova, criado pelo médico alemão Karl Eduard Kämpf. Mas ele era voltado ao atendimento dos males nervosos e oferecia terapias alternativas. Não fazia cirurgias (isso só começou a ocorrer em 1949) e outros procedimentos necessários a quem vivia no "interior do interior".

Finalmente, em 1894, um médico veio morar na vila, o dr. Wilhelm Müller. No ano seguinte, com a ajuda

do povo e dos padres jesuítas, criou um pequeno hospital, com sete leitos. Batizado de Mein Privat Krankenhaus (meu hospital particular), foi um grande avanço, pois realizava até cirurgias, partos e amputações.

Em 1908, depois de ampla mobilização comunitária, foi inaugurado o Hospital Santa Cruz, dirigido pelas Irmãs Franciscanas. Este sim, um grande hospital, apto a todos os serviços. Mas a população desejava mais. Os distritos distantes da cidade também se mexeram, pois queriam ter assistência perto de casa, sem a necessidade de viagens quando alguém precisava de assistência.

Foi assim que nasceram as casas de saúde do interior: em 1917, surgiu o Hospital do Dr. Eggler, em Rio Thal (Monte Alverne); Hospital Theresa (Vera Cruz), em 1931; em 1933, o Hospital Sinimbu; e em 1937, Hospital Trombudo (Vale do Sol). Hoje, essas localidades se emanciparam (com exceção de Monte Alverne), são prósperos municípios, mas os antigos hospitais, que nasceram do empenho dos colonos, continuam sendo referência. Claro que ampliados e modernizados. Em 1949, o Sanatório Vida Nova transformou-se em hospital, realizando cirurgias e recebendo pacientes de diversas áreas.

Evolução



Hospital Ana Nery foi fundado em 1952 e representou outro importante marco na evolução dos serviços de saúde em Santa Cruz do Sul. Entre suas especialidades, atualmente, estão os tratamentos na área oncológica. Nos últimos tempos, importantes melhorias foram realizadas e novos serviços passaram a ser oferecidos em diferentes especialidades



Fotos: Banco de Imagens/GS

A fundação do Hospital Beneficente Monte Alverne remonta ao ano de 1917, quando o médico suíço Pedro Eggler instalou uma clínica no local em um prédio de dois pisos com consultórios e quartos. A grande procura fez com que em 1929 fosse fundada a Sociedade Beneficente Rio Thal, que em 1957 deu origem ao Hospital Monte Alverne.

Mesmo com dois hospitais na cidade (Santa Cruz e Vida Nova), atendidos por médicos, enfermeiros e auxiliares altamente capacitados, e quatro no interior, os avanços continuaram. E, em 1952, nasceu o Hospital Arroio Grande (hoje Hospital Ana Nery), iniciativa do médico Ingo Ebert.

Essa obstinação por dotar a antiga colônia de uma estrutura de saúde capaz de bem atender a população espe-

lhou as ações de Santa Cruz no futuro, trazendo as grandes conquistas que temos atualmente e nos fazem referência estadual em saúde.

Problema no passado, a carência de médicos hoje é respondida com o curso de Medicina da Unisc e de outras faculdades da área da saúde. A falta de hospitais está superada com duas insituições de ponta na cidade e uma no interior. Temos as UTIs e somos referência em trata-

mentos de várias especialidades, como câncer, por exemplo. Dos antigos complexos, apenas o Sanatório Vida Nova não existe mais.

Nada disso caiu do céu ou nos foi dado de graça. Assim como no passado, Santa Cruz lutou por essas conquistas. Esse espírito de buscar o melhor para o seu povo ainda é um reflexo dos exemplos de luta e obstinação que recebemos dos nossos antepassados.

**PRODUTOR E TRANSPORTADOR,
ATIVIDADES ESSENCIAIS QUE SE
*complementam.***

ASSIM COMO VALTAIR E ADRIANE.

Valtair e Adriane, de Santa Cruz do Sul, são um casal de produtores integrados da China Brasil Tabacos, que também atua no transporte da produção.

Reconhecendo e valorizando o trabalho deles, homenageamos o comprometimento de todos os produtores e transportadores, que contribuem ativamente para a qualidade e integridade do tabaco brasileiro, para a sustentabilidade e para o desenvolvimento de toda região.

Parabéns pelo seu dia!

25 de julho
Dia do Colono
e Motorista



Guideline

A união fez toda a diferença

Benno Bernardo Kist
benno@editoragazeta.com.br

Os números mais recentes do cooperativismo gaúcho, assim como sulista e brasileiro, evidenciam evolução substancial deste sistema de organização econômica e social que se solidificou no século 19 na Europa, de onde justamente saíram então os imigrantes que vieram ao Rio Grande do

Sul, a partir dos alemães que aportaram em São Leopoldo em 25 de julho de 1824 e cuja data ora se comemora. O sistema cooperativista como o conhecemos começou a se formar em especial a partir de meados daquele século, com experiências em terras europeias e forte participação da área germânica, que enviava então colonizadores para terras gaúchas (entre elas, a Colônia de Santa Cruz). Um dos modelos de cooperativismo de

crédito europeu e alemão (de Friedrich Raiffeisen), criado nos anos de 1860, inspirou em 1902, no interior de Nova Petrópolis, a criação da primeira cooperativa brasileira de crédito, por meio do padre suíço Theodor Amstad. Seguiram-se unidades agropecuárias e outras de crédito, entre as quais, em 1919, nossa Caixa Rural União Popular Santa Cruz, que resistiu como a atual, vigorosa e centenária Sicredi Vale do Rio Pardo.

Fotos: Banco de Imagens/GS



Cooperativa de crédito centenária nascida em Santa Cruz do Sul, a Sicredi Vale do Rio Pardo ...



...mostra nos últimos anos renovado vigor e expansão na região, em estrutura e quadro social

Modelo de organização trazido pelos imigrantes faz sucesso

Depois de quase 200 anos da imigração e mais de cem da experiência cooperativista, com períodos de altos e baixos, pode-se verificar hoje ao nosso redor uma solidificação da organização cooperativa, com apresentação de resultados muito positivos e a ratificação de seus valores. Em final de junho/21, o presidente da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Ocergs), Vergílio Perius, divulgou dados do Relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho, referentes ao ano-base 2020, onde registrava faturamento recorde de R\$ 52,1 bilhões, 6,4% a mais do que no ano anterior, quando também havia subido; crescimento de 22,5%

nas sobras, "refletindo as boas práticas de gestão nas cooperativas"; acréscimo de 28,5% nos ativos; variação positiva de 5,7% nos postos de trabalho, para 68,6 mil empregos; elevação do número de associados, de 2,97 para 3,06 milhões, chegando a 53,4% a participação gaúcha no cooperativismo, "o que reforça a confiança da sociedade no sistema cooperativista".

Perius focou em especial "o crescente aumento dos ingressos nas cooperativas, que nos últimos cinco anos atingiu a marca de 44,5%", e justificou: "Um dos grandes diferenciais do cooperativismo é que as sobras geradas pelas co-

operativas permanecem nas comunidades em que elas estão inseridas, o que transforma nosso modelo de negócios em um potencial agente de transformação e desenvolvimento econômico e social". Vale mencionar também estudo feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), por solicitação do Sicredi, em municípios com e sem cooperativa de crédito, a qual concluiu que, onde ela está presente, ocorre incremento de 5,6% do Produto Interno Bruto (PIB), 6,2% nas vagas de trabalho formal e 15,7% no número de estabelecimentos comerciais, estimulando o empreendedorismo local.

PARABÉNS,
COLONOS E MOTORISTAS!

MÃOS QUE GUIAM O BRASIL PARA O DESENVOLVIMENTO!

Dia do Colono e do Motorista
25 de Julho

PSB
HEITOR SCHUCH
DEPUTADO FEDERAL

HEITORSCHUCH.COM.BR

f /HEITORSCHUCH

Parabéns aos guerreiros que plantam e guiam o progresso do país

25 de Julho
Dia do Colono e Motorista

ACIC
Associação Cooperativa de Crédito

• Foco no Associado com qualidade • Gestão Transparente
• Comprometimento • Ética • Credibilidade • União

Força

Fotos: Rafaely Machado



Estudo revela melhorias econômicas e sociais em comunidades que têm cooperativa de crédito



Afubra é outro destaque de organização associativa com origem e sede em Santa Cruz do Sul

O setor de crédito justamente foi um segmento cooperativo do Estado que se destacou em 2020. Registrou ampliação em 34% na captação de recursos nos depósitos a prazo, conforme citou o relatório da Ocergs e confirmam informações de cooperativas do setor, como a pioneira Sicredi, que hoje, além de se alastrar pelo Brasil, já chega a 97% dos municípios do Estado e em 96 deles é a única instituição financeira presente.

Assim, a comemoração do centenário da unidade cooperativa financeira sediada em Santa Cruz, que tem hoje 15 agências na região e mais de 50 mil associados, reveste-se de um significado ainda maior no momento em que se comemora a imigração, assim como remete a outro exemplo de organização associativa que tem origem e sede no município: a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), com 66 anos de existên-

cia e mais de 100 mil associados no Sul do Brasil. A sociedade local, que se formou de modo especial a partir da pequena agricultura familiar exercida pela maioria dos imigrantes e buscou na união um meio de superação de dificuldades e obtenção de progresso econômico e social, pode continuar se espelhando nesses êxitos cooperativos para trilhar sempre caminhos futuros de esperança e sucesso.

lojasafubra/ @lojas.afubra afubra.com.br /afubravideos

O dia de quem sempre sabe o caminho.

Na terra ou na estrada, hoje é dia de quem sabe por onde seguir e tem certeza de que vai chegar lá.

25 de julho, Dia do Colono e Motorista.

O primeiro e melhor lugar

TUDO COMEÇOU PELA PRAÇA: o valor simbólico do marco zero da cidade de Santa Cruz do Sul



A praça central já com seu emblemático chafariz jorrando água para o alto e a beleza dos prédios do entorno



Uma curiosa vista da atual Casa das Artes a partir do centro da praça, ainda sem o futuro quiosque na esquina

Rafaelly Machado

Hoje, quando alguém caminha pelo centro de Santa Cruz do Sul, invariavelmente se depara com a Praça Getúlio Vargas. Espreado-se, como reduto de verdor e calma em área estratégica, é, literalmente, o marco zero da povoação. Nos primórdios da demarcação do futuro núcleo urbano, em 1854, apenas quatro anos após a vinda dos primeiros colonizadores alemães, em 19 de dezembro de 1849, tudo começou no entorno daquele quadrado.

Era, como se diria, "Der beste Platz". O melhor lugar. Não por acaso, *Platz*, em alemão, denomina tanto lugar quanto praça. Os primeiros colonos haviam se fixado na *Alte Pikade*, a picada original da colônia, que hoje forma a Linha Santa Cruz. Como aquela área, na qual foram demarcados os lotes de cada família, se revelara inadequada para a formação do núcleo urbano, a escolha para essa finalidade recaiu sobre o Faxinal de João Faria, uma antiga fazenda de criação de gado na área baixa, o atual centro.

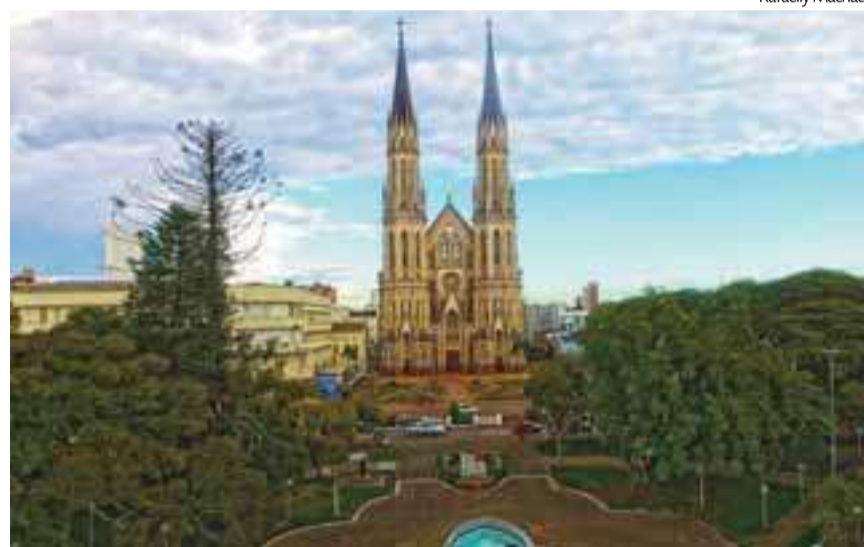
Era parte de uma sesmaria doada pela então rainha de Portugal, dona Maria, para João Faria da Rosa, em 1796, como cita Flávio Benício Schuh em *Uma cidade imperial: Santa Cruz do Sul*. A desapropriação da herança foi autorizada

pela Lei nº 248, de 25 de novembro de 1852, pelo vice-presidente da Província, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

Ali, a partir de 1854, foram demarcadas as primeiras quadras, seguindo a proposta de uma "cidade imperial": no centro de tudo uma praça, cercada por ruas largas, rigorosamente nos sentidos norte-sul e leste-oeste, com os principais e mais relevantes logradouros públicos situados no entorno. E, na verdade, segue assim até os dias atuais, quase 170 anos depois do traçado original.

A praça foi nomeada de São Pedro, como espaço centralizador da vida pública, e defronte teria a primeira igreja católica. Do lado sul ficava a Rua de Catalã, atual Ramiro Barcelos, e do lado norte a Rua Imperial, atual Júlio de Castilhos (idealizada como rua principal, no sentido leste-oeste, algo que posteriormente se tornou a, na origem, Rua de São Pedro, hoje Marechal Floriano, no sentido norte-sul).

As primeiras ruas e quadras, lembra Schuh, foram demarcadas no dia 4 de novembro de 1854, quando passou à condição de Povoação de São João de Santa Cruz. O povoado foi elevado à categoria de Freguesia no dia 8 de janeiro de 1859, e João Martin Buff foi nomeado diretor da Colônia. Em uma das esquinas, mais tarde, seria construído um quiosque. E no cen-



Uma imagem atual de drone da majestosa catedral e da charmosa praça emoldurada pelo verde

tro da praça foi instalado um belo chafariz, de maneira que popularmente a praça é chamada desde então de Praça do Chafariz. Além disso, conta com um bellissimo traçado de passeios, convidando os transeuntes a caminhar pelo arborizado parque. Já no século 21, foi renomeada para Praça Getúlio Vargas.

A praça central fixou-se de tal forma no imaginário dos santa-cruzenses que motivou a criação, em 2016, da Associação Amigos da Praça do Chafariz (Apriz).

É integrada por lideranças das mais variadas áreas com objetivo de defender melhorias constantes nesse espaço, entre as quais a construção de um coreto e a elaboração de uma agenda de eventos para atrair e congregar cada vez mais as pessoas em torno do marco zero da cidade. A Apriz, cujas atividades foram inibidas por conta da pandemia, congrega mais de cinco dezenas de simpatizantes, que pensam soluções em termos de atrativos, paisagismo e lazer para a praça.

Núcleo urbano da atual Santa Cruz começou a ser demarcado em novembro de 1854, tendo a hoje Praça do Chafariz como seu centro

25 DE JULHO | DIA DO COLONO E MOTORISTA

Mãos que **trabalham pelo sustento e desenvolvimento** do nosso país.
Parabéns **colonos e motoristas!**



MODAL TRANSPORTES
sua melhor estrada



A língua, um legado afetivo



Lissi Bender
Pesquisadora e escritora

Ser presença se insere no âmbito da formação do lugar de vida das comunidades/da *Heimat*. Ser presença inclui cultura e língua, mas também visão de mundo, isto é, saberes, mentalidade, jeito de ser, valores, culinária, hábitos, crenças provenientes do modo de perceber, entender e vivenciar o mundo e, por meio deles, conferir identidade ao lugar.

Presenças que formam a identidade regional

Em 2021, o Brasil celebra 197 anos da Imigração Alemã, instaurada pelo governo do Império. Em breve, celebraremos os 200 anos. Em nossa região, celebramos neste ano 172 anos da vinda dos primeiros imigrantes, a convite do governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Muitas são as marcas deixadas pelos imigrantes, e bastante diversificadas as suas contribuições. São presenças que contribuem para a identidade regional.

Entre as marcas está a língua alemã, um patrimônio cultural imaterial de toda a coletividade do espa-



ço oriundo da *Kolonie Santa Cruz*. O idioma está presente nos lábios de descendentes, em conversas entre amigos, em escolas, em eventos religiosos e comunitários. Também é suporte de marcas culturais e folclóricas vivamente presentes. Elas se encontram na toponímia original. Estão presentes em muitas expressões idiomáticas, em provérbios, em orações, em cantos, contos, livros e, não por último, em superstições e humor.

Para ilustrar, depósito aqui e nas próximas duas páginas alguns exemplos de presença da língua, coleta-

dos em minhas andanças e observações.

A toponímia original/*Ursprüngliche Ortsnamen* está, desde sempre, presente na memória e agora também em diversas placas bilíngues. Assim: Linha Santa Cruz é a *Alte Pikade*; Linha Nova é *Zinsertal*; Monte Alverne é *Rio Tal*; Linha João Alves é *Rettungspikade*; Quarta Linha Nova é *Batateberg*, entre diversos outros. Assim também a rua principal da cidade continua sendo a *Hauptstrasse* na linguagem cotidiana. (segue na próxima página)



Parabéns aos responsáveis
por semear e conduzir o
progresso do nosso país!

25 de Julho

Dia do Colono e Motorista



**AGRO COMERCIAL
KIST & HEEMANN**

COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Santa Cruz (Matriz): Rua Sen. Pinheiro Machado, 1133 Fones: 3711-3434 | 3713-3213 e-mail: agrokist@agrokist.com.br

Vera Cruz (Filial): RSC 287 km 109 Fones: 3718-3869 | 3718-3857 e-mail: veracruz@agrokist.com.br

Ela está em prosas e versos

CANTOS, ORAÇÕES, POEMAS e outras manifestações culturais ajudam a preservar a língua alemã

Os Lieder ainda são cantados nas famílias, que também costumam ter seu próprio registro de Gebete (orações), em especial por parte de pessoas de mais idade ou que preservam a língua alemã no cotidiano



Memórias afetivas e culinárias: antigo caderno que registra receitas de antepassados de Ruy e Lia Gessinger

Divulgação/GS

A língua alemã também está presente em muitos cantos/Lieder vivamente presentes. Entre elas, muitas canções de amor ao lugar em que se vive/Heimatlieder; canções de ninar/Wiegenlieder; canções infantis/Kinderlieder; canções de amor à natureza/Naturlieder; canções festivas/Festlieder; canções natalinas/Weihnachtslieder; canções de igreja/Kirchenlieder...

Para ilustrar: Nun Ade du mein lieb Heimatland é de 1850; Großer Gott wir loben Dich – uma oração originariamente em latim que foi traduzida por Martin Luther nos idos de 1500, hoje é a canção ecumênica mais conhecida no mundo cristão; Kommt ein Vogel geflogen, uma canção infantil de final de 1700; ou O Tannenbaum, canção natalina de 1820.

A língua se faz presente em diversas orações/Gebete.

Como esta para crianças: "Ich bin klein, mein Herz ist rein, soll niemand drein wohnen als Jesus allein, Amen!" – Sou pequeninho, meu coração é purinho. Nele ninguém há de fazer morada, somente Jesus sozinho.

Ou estas, presentes às refeições: "Komm Herr Jesus sei unser Gast, und segne, was du uns bescheret hast, Amen!" – Vem Jesus, seja nosso hóspede e abençoe o que nos ofertaste.

"Gott sei Dank, für Speis und Trank, für alles Gute, ein Lob und ein Dank, Amen!" – Te agradecemos, Senhor, pela refeição e pela bebida, por todas as coisas boas um louvor e um agradecimento.

(Lissi Bender)

Em expressões idiomáticas/Redewendungen presentes no cotidiano de falantes

Divulgação/GS

* Quando se está em lugar inseguro, ou se lida com pessoa não confiável, se diz: "Man muss die Auge hinter und vorne aufhaben" – É preciso manter os olhos bem abertos.

* Em relação a pessoas que ora brigam, ora se toleram, conforme os interesses, se diz: "Pack verschlägt sich, Pack verträgt sich" – Gentalha se agride, gentalha se atura.

* Em relação a quem se gaba, ou fica ostentando: "Der spuckt groß"/Este cospe grande.

* Quando uma criança é muito irrequieta, não consegue ficar sentada, se diz: "Es hat kein Sitzleder", ou seja: falta-lhe couro de assento. Aliás, esta expressão existe há mais de 400 anos na linguagem alemã.

* Quando se é pego de surpresa, ou recebe uma visita sem aviso prévio: "Der hat mich überrumpelt" – Ele me pegou desprevenido.

Em ditados e provérbios/Sprüche und Sprichwörter que ornamentam lares de descendentes, ou se fazem presentes na língua falada:

"In der Welt ein Heim. Im Heim meine Welt" – No mundo, um lar. No lar, meu mundo.

"Kein Platz auf Erden ist so lieb und traut, als der wo ich mein Heim erbaut." – Nenhum lugar sobre a face da terra é tão benquisto e familiar do que aquele no qual construí meu lar.

"Gott segne dieses Haus, und alle die da gehen ein und aus." – Deus abençoe esta casa e todos que ali entram e saem.

"Kleine Kinder, kleine Sorgen; große Kinder, große Sorgen." – Crianças pequenas, preocupações pequenas; crianças grandes, preocupações grandes.

Em superstições/Aberglauben:

* Quando uma aranha aparece na casa na hora matinal: "Spinn' am Morgen bringt Kummer und Sorgen"/Aranha na hora matinal traz aflições e preocupações. E quando aparece à noite: "Spinn am Abend bringt gute Gaben"/Aranha à noite traz boas oferendas;

* "Immer durch die gleiche Tür rausgehen, durch die man rein gekommen ist, damit man nicht das Glück des Hauses mitnimmt."/Sair sempre pela mesma porta por onde se entrou, para não levar embora a felicidade da casa.

Agosto é um mês muito agourento: "Im August soll man nicht umziehen"/ Não se deve fa-



zer mudança em agosto – "Im August soll man nicht heiraten/Em agosto também não se deve casar – "Das bringt kein Glück"/Isto traz azar; "Im August sterben die alten Kracken"/Em agosto morrem os cavalos velhos, uma crença expres-

sa em forma de eufemismo, para dizer que em agosto morrem pessoas idosas. Assim: "Wer August überlebt, lebt ein weiteres Jahr"/Quem sobrevive ao mês agourento de agosto, viverá mais um ano. (Lissi Bender)

UMA HOMENAGEM ESPECIAL ACABA DE CHEGAR PARA VOCÊ!

Colonos e motoristas, parabéns pelo seu dia! Graças ao seu trabalho dedicado, o desenvolvimento da nossa região vai sempre em frente!

25 de julho
Dia do Colono e Motorista

Ismael, motorista de entregas da CasaNova



AV. GASPAR BARTHOLOMAY, 854
SANTA CRUZ DO SUL - RS - 3715-1398
casanovasantacruz.com.br



Legado que vai para a mesa

NA CULINÁRIA, os bons aromas de uma cultura que fala muito alto no imaginário das gerações

Fotos: Divulgação/GS

Também na culinária a língua alemã se faz muito presente. Inclui em iguarias eleitas por comunidades, como o *Hackbraten*, ou *Falsche Hase*/O assado de carne moída, eleito prato típico de Vera Cruz; ou a *Gefülltes Bauernhuhn*/a galinha recheada de Rio Pardinho; ou o *Eintopf*/também chamado de Boia Forte de Vale do Sol, sem falar dos variados *Kuchen* presentes em eventos familiares e festivos.

E em livros novos e também em antigos, guardados por descendentes, e em lápides de cemitério, o idioma se faz presente.

No humor, a tradicional figura do Tilltapes tem lugar perene. Para fazer alguém de bobo, manda-se o indivíduo caçar Tilltapes. Dizem que é bem fácil de ser caçado à noite; basta abrir um saco no meio da roça, que ele "schwups", pula para dentro.

O Tilltapes seria um animal oriundo da cultura foldórica germânica, mas que, na realidade, não existe. Acredito que tenha sua origem na personagem folclórica de Till Eulenspiegel, que remonta ao século XIII, no espaço germânico do Norte. Muito atrevido, gostava de pregar peças nas pessoas. Sua real existência nunca foi comprovada. Till Eulenspiegel está presente em diversos contos populares da Idade Média.

Para finalizar, um contundente apelo pela manu-



Uma delícia salgada: *Hackbraten* ou *Falsche Hase*



OrangerKuchen, a saborosa cuca de laranja, em uma receita legada por Gilda Rauber

tenção do bilinguismo da parte do estudioso e pesquisador da imigração alemã Jean Roche. Palavras proferidas durante uma palestra em 1979, no Instituto Histórico de São Leopoldo: "O Rio Grande do Sul, que tem um nível cultural elevado, vai perder este patrimônio cultural, que enriquece o país, quando outros teriam de aprender a muito custo o alemão. Não quero dizer que deveriam falar somen-

te o alemão, mas que conservassem este patrimônio." (Jean Roche, 1979)*

*Jean Roche, em seu doutorado na Sorbonne de Paris, fez amplo e profundo trabalho sobre a imigração alemã e a vida dos descendentes de alemães no RS. O resultado de suas pesquisas foi publicado em livro em 1969.

(Lissi Bender)

Além da importância da alimentação e dos festejos e do lazer, o humor é transmitido de geração em geração em casos como o do Tilltapes

Colonos e Motoristas

Parabéns a estes trabalhadores que com competência e dedicação produzem e transportam as riquezas da nossa região!

Uma homenagem da



Para voltar no tempo

MUSEU localizado no interior de Sinimbu reúne peças que contam parte da história da colonização

Fotos: Rafaely Machado

Móveis, documentos, ferramentas agrícolas, utensílios domésticos e brinquedos que retratam o cotidiano de algumas das primeiras famílias que se instalaram no Vale do Rio Pardo. Tudo isso reunido em um local cercado pela natureza onde é possível voltar ao tempo dos colonizadores.

Essa é a proposta do Museu Colonial Henrique Engelmann Sobrinho. Localizado em Alto Sinimbu, a cerca de cinco quilômetros da região central do município, o espaço reabriu no fim do ano passado e, mesmo com as restrições da pandemia, já reúne quase duas centenas de assinaturas no livro de visitantes.

A história do local, no entanto, começou bem antes. Em uma primeira fase, o museu funcionou entre 1998 e 2011 e se tornou conhecido internacionalmente, recebendo 9.580 pessoas vindas de diversas partes do Brasil e exterior, conta o administrador Emídio Engelmann ao mostrar os registros do período.

No prédio em estilo enxaimel, tudo tem uma história. A começar pela sua construção, que data de 1870, portanto 21 anos após a instalação dos primeiros imigrantes na Colônia de Santa Cruz. Apesar do tempo, cerca de 80% da estrutura original ainda está em perfeitas condições, inclusive os barrotes de madeira que ajudam a emoldurar as paredes. O assoalho tem as marcas do tempo, mas é sobre ele que ficam as centenas de objetos reunidos ao longo dos anos.

Tudo está devidamente organizado. Logo na entrada, é possível conhecer aspectos relacionados à origem do local. Há, inclusive, o mapa com a delimitação dos lotes destinados à família Engelmann, que chegou à localidade por volta de 1860. Em uma das paredes, o documento imperial registra a doação das terras. As peças históricas estão divididas em setores, como em uma grande casa, demonstrando como era a vida naquele tempo.



Tiro ao alvo

A construção que abriga o Museu Colonial Henrique Engelmann Sobrinho foi também um salão de bailes, onde ficava a sede de uma sociedade de atiradores. Esta, aliás, é uma curiosidade do local. Quando a família decidiu restaurar o prédio e instalar o museu na década de 1990, logo no início dos trabalhos uma imagem chamou a atenção. No alto junto ao teto abaulado, encoberto pela poeira do tempo, estava o brasão de um alvo cercado de ramos verdes e com a mensagem "hoch den shützen", uma espécie de saudação aos atiradores frequentadores. E para preservar as marcas daquele tempo, a imagem foi preservada. Logo abaixo, fica o alvo que era utilizado para a prática. Armas antigas, uma espada de 1887 usada pelos fundadores do clu-

be e uma coleção de medalhas são alguns dos objetos que compõem aquele cenário.

As sociedades de atiradores foram muito tradicionais nas comunidades formadas por imigrantes. As *schützenvereine* inicialmente surgiram como forma de lazer entre os colonos, mas também para que eles pudessem treinar com as armas para caça ou defesa de suas famílias e propriedades.

As primeiras organizações do gênero eram essencialmente masculinas. Além das sociedades de tiro ao alvo, com o tempo novas modalidades foram sendo incorporadas nas comunidades, como bolão e cavalaria. Além disso, as associações de canto se tornaram muito difundidas no interior.

Construção que abriga o Museu Colonial Henrique Engelmann Sobrinho foi também um salão de bailes, onde ficava a sede de uma sociedade de atiradores.

Nossa homenagem aos valorosos profissionais que com garra, coragem e determinação fazem o melhor por esta nação.

Parabéns Colono e Motorista!



Av. Paul Harris 300 - SCS 51 3713-2078 | 51 99645-6074



Nosso respeito e admiração a vocês que produzem e transportam as riquezas desta terra!

Dia do Colono e Motorista 25 de Julho



Rua Marechal Floriano, 153 | (51) 3715-8828 | (51) 99981-7980

Família

Em uma época na qual os recursos eram escassos e as famílias numerosas, costurar em casa era uma necessidade. Fosse para reparar uma peça de roupa, confeccionar os artigos a serem utilizados no dia a dia ou, diante das necessidades, atender algum vizinho, a mãe da colônia tinha sua máquina de costura. Os modelos mais antigos eram tocados à mão. Depois vieram os maiores e com mais capacidades, que tinham uma sapata para movimentar a correia que acionava todo o sistema. Alguns lares tinham o quarto destinado à costura, mas em outros o equipamento ficava na sala ou junto à cozinha. Os cuidados com os trajés ainda envolviam o uso do ferro de passar a brasa. Inclusive, o museu tem um acervo com diferentes modelos dos tempos em que a energia elétrica ainda representava um sonho para muitos.

Fotos: Rafaelly Machado



No escritório

Documentos que ajudam a contar a história do museu estão armazenados em uma espécie de cofre de madeira. No complexo onde fica o empreendimento, também funcionam um balneário e uma pousada. Entre as anotações, por exemplo, estão os registros de visitantes no período de 1998 a 2011. Há blocos de notas ainda não preenchidos, já com as páginas amareladas pelo tempo.

O telefone a manivela de 1910 é outra peça que chama a atenção, especialmente das gerações mais jovens, que estão acostumadas com a comodidade do celular. Fixado na parede, o equipamento compõe o cenário do escritório de época. Aliás, sobre a escrivaninha, um lampião de 1930 e uma lousa do mesmo ano, assim como uma máquina de escrever e o aparelho de apontar lápis, mostram os recursos utilizados para gerenciar a propriedade e os negócios. A lousa em que os estudantes faziam anotações de aula, os livros em alemão gótico e a caneta-tinteiro são outros objetos que ajudam a retratar a vida dos imigrantes.



Cozinha



Famílias numerosas exigiam fartura. Para isso, era preciso contar com recursos para auxiliar no preparo dos alimentos. No museu, um fogão a lenha em estilo industrial com quase dois metros de comprimento mostra como era preciso dispor de recursos para atender às demandas diárias. Equipamentos a manivela, como os raladores e as clássicas – e ainda utilizadas – máquinas de moer carne também eram companheiros do dia a dia colonial.

25 DE JULHO
DIA DO COLONO
E MOTORISTA

**O QUE SE PRODUZ
DA TERRA
GANHA O MUNDO
ATRAVÉS
DO TRANSPORTE.**

Homenagem da Augusta
a quem trabalha
no campo e nas estradas.



AUGUSTA
INTERNACIONAL



Rua Ottmar Benno Schultz, 3638
Distrito Industrial | Venâncio Aires - RS
CEP 95800-000 | Fone: (51) 3741-3104
matriz@augusta.la

www.augusta.la
[augustainternacional](https://www.facebook.com/augustainternacional)
[@augustalog](https://twitter.com/augustalog)



Cultivar a terra e transportar nossas riquezas é ser protagonista do desenvolvimento.

Em 25 anos de história, colonos e motoristas sempre nos orgulhamos pela contribuição essencial para o crescimento do país.

25 de julho – Dia do Colono e Motorista



25

WWW.
PROFIGEN.
COM.BR

Fotos: Rafaely Machado



Após a colheita, era preciso preparar os alimentos para o consumo. Nessa hora entrava em ação uma trinca de equipamentos. Na imagem ao lado, o equipamento do meio data do século 19 e servia para debulhar o milho. À direita na foto, uma espécie de ralador destinava-se ao preparo de farelo. E à esquerda, o soprador desempenhava uma importante função ao separar a palha dos grãos como milho e arroz, que ficavam em caixas de madeira.

Ao centro do museu, uma mesa destinada aos maquinários agrícolas destaca-se. Ali estão ferramentas e máquinas utilizadas pelos agricultores. A curiosidade fica por conta de um documento emoldurado com o compromisso de um comerciante da época em não exercer concorrência com o vizinho, que tinha uma serralheria.



Quando a comunicação era escassa, o rádio servia de conexão com o mundo. Um modelo dos anos 1950, bem diferente dos atuais aparelhos cheios de recursos digitais, ainda funciona perfeitamente. Inclusive, quando a reportagem visitou o museu, foi possível ouvir as músicas da Rádio Gazeta.



A noite da colônia era iluminada a querosene. No Museu Colonial Henrique Engelmann Sobrinho, uma das peças mais raras entre as centenas do acervo é um lampião fabricado em 1880 na Alemanha.

25 de Julho Dia do Colono e do Motorista



Nossa homenagem àqueles que **plantam** as sementes com **carinho**, cuidam com **amor** e colhem com **gratidão**.

E também àqueles que não usam atalhos, **trilhando** os caminhos, **transportando** riquezas e esperanças.

Sinimbu
A certeza de uma boa viagem!



O banheiro era outro ambiente peculiar nas casas coloniais. O banho era ou em banheiras de metal, ou com um chuveiro suspenso no teto, onde era colocada água quente. A pia era uma bacia de louça, e um jarro elegantemente pintado armazenava a água para a higiene diária.

Proteção nas estradas

PROGRAMAS VOLTADOS À REDUÇÃO *de acidentes contribuem para aumentar a segurança*

Mais do que levar um produto de um ponto a outro, a atividade dos motoristas costuma ser desafiadora justamente em razão dos imprevistos existentes no caminho. Na lista de situações enfrentadas pelos profissionais no dia a dia estão as condições das estradas, falta de respeito às regras de trânsito e até mesmo a violência.

Na contramão dos riscos crescentes, iniciativas voltadas à proteção dos condutores têm contribuído para reduzir as ocorrências. Seja a partir de campanhas desenvolvidas pelos órgãos públicos ou a partir do trabalho de empresas do setor, a quantidade de acidentes tem caído.

Dados do *Atlas da Acidentalidade no Transporte Brasileiro* apontam que desde 2017 o número de casos tem caído no Brasil. Naquele ano foram 89.563 acidentes, passando para 69.295 em 2018 e totalizando 63.447 ocorrências em 2020. A média de mortes diárias reduziu-se de 17,1 (2017) para 14,5 (2020). O documento considera dados da Polícia Rodoviária Federal (PRF), com base nos registros de acidentes envolvendo todos os tipos de veículos. Segundo o Atlas, desde 2011 é observada a tendência de queda no número de óbitos por dia envolvendo caminhões no Brasil, com uma média de sete registros por dia.

Conforme o Atlas, de um modo geral, a preocupação com segurança no Brasil tem crescido ao longo dos últimos anos, mas ainda é possível melhorar. O Brasil é uma das principais economias mundiais e o transporte rodoviário de cargas ocupa um lugar de destaque nesse cenário.

Dados do Atlas da Acidentalidade no Transporte Brasileiro apontam que desde 2017 a quantidade de casos tem caído no Brasil.



Padroeiro

Celebrado em 25 de julho, São Cristóvão é o guardião dos motoristas e a ele são atribuídas muitas graças. As histórias em torno do santo começam com seu nome. Cristóvão significa aquele que carrega Cristo. Seu culto remonta ao século 5. De acordo com uma lenda, Cristóvão era um gigante com mania de grandezas. Ele supunha que o rei a quem servia era o maior do mundo. Veio a saber, então, que o maior rei era Satanás. Colocou-se, pois, a serviço deste. Informando-se melhor, descobriu que estava errado. Um ermitão mostrou-lhe que a bondade era a coisa mais agradável a Deus. São Cristóvão resolveu trocar a sua mania de grandeza pelo serviço aos semelhantes. Valendo-se da imensa força de que era dotado, pôs-se a baldear pessoas, de um lado para o outro de um rio. Uma noite, entretanto, um menino pediu que o levasse à outra margem. À medida que andava, o garoto pesava cada vez mais às suas costas. Diante de seu espanto, o menino revelou ser Jesus Cristo.

JUNTOS, SEMPRE EM FRENTE!

Nosso agradecimento a vocês profissionais do volante, que fazem responsabilidade, gentileza e segurança andarem juntas.

25/07 - Dia do Motorista

SANTA CRUZ
PASSAGEIROS - TURISMO - ENCOMENDAS



Prédios que sediam a história



Oito edificações selecionadas pelo arquiteto Ronaldo Wink testemunharam a vida ativa na comunidade por mais de cem anos

As marcas do trabalho, do espírito empreendedor e do progresso deixadas pelas gerações de colonizadores seguem muito presentes no ambiente urbano de Santa Cruz do Sul. Bastaria uma simples caminhada informal a pé pelo centro da cidade para deparar-se com esse legado patrimonial e constatar a sua inegável importância e longevidade. O arquiteto Ronaldo Wink lembra que no chamado quadrilátero central, representado pelas primeiras quadras demarcadas respeitando o modelo original, mais de 70 edificações estão resguardadas por legislação, em diferentes níveis de preservação. Desse grupo, ele seleciona oito (*quadro abaixo*) entre os mais importantes e representativos, tanto por sua idade quanto pelas funções que tiveram na comunidade.

Importância que resiste ao tempo

Wink refere que essas mais de 70 edificações inserem-se nas três categorias de preservação definidas, 16 na 1, 18 na 2 e cerca de 23 na 3. Afora estes, que proporcionam um recorte bastante valioso por sua imponência, por seu estilo e função social, cultural e econômica que desempenharam (e ainda desempenham), muitos outros prédios residenciais, comerciais ou industriais podem ser encontrados na área central da cidade ou no entorno, e que ajudam a salientar ainda mais a importância da arquitetura dos primórdios.

O arquiteto enfatiza que dos outros projetos que selecionou, cinco mantêm, ainda hoje, cerca de um século após a sua construção, a função original para a qual se destinavam. É o caso da Prefeitura e das duas igrejas. E apenas três deixaram de sediar os segmentos em função dos quais surgiram: a antiga Estação Férrea e o Ban-

co Pelotense hoje são centros de cultura e artes, e o Colégio Distrital posteriormente foi transformado no antigo Fórum, hoje igualmente sediado em outro lugar.

“Pode-se dizer que o que Santa Cruz do Sul se tornou depois da emancipação a partir de Rio Pardo, tudo o que a comunidade idealizou ou construiu, fluiu por essas oito edificações, pelo que representam no contexto político, religioso e institucional”, observa. Assim, quando, nos dias atuais, alguém admira o Palacinho, na Praça da Bandeira, aprecia um prédio inaugurado em 1889, quando a República nascia no Brasil. Ou quando olha para o prédio da Casa das Artes Regina Simonis, na esquina das Marechal Floriano com Júlio de Castilhos, depara-se com a imponência de um prédio que completará 100 anos em 2022. É o passado muito presente, e firmemente assentado para o futuro.



Casa das Artes Regina Simonis vai completar um século no próximo ano

Patrimônio

Principais marcos arquitetônicos de Santa Cruz do Sul, em seleção especial feita para esta edição pelo arquiteto Ronaldo Wink:

Prédio	Ano	Segmento
1 Prefeitura Municipal.....	1889.....	político
2 Maçonaria.....	1897.....	institucional
3 Colégio distrital.....	1903.....	educacional (antigo fórum)
4 Estação férrea.....	1905.....	econômico/transportes
5 Banco pelotense.....	1922.....	financeiro
6 Monumento à independência.....	1924.....	monumento cívico
7 Igreja evangélica luterana.....	1924.....	religioso
8 Igreja católica de São João batista.....	1939.....	religioso

Banco de Imagens/GS



Construção do prédio ocorreu em um período marcado pelo desenvolvimento local



Mais do que homenagear, agradecemos a cada profissional que dedica sua vida para semear os frutos do desenvolvimento e conduzir ao futuro. Nosso muito obrigado.

Parabéns Colono e Motorista!



INDUSTRIAL | AGRÍCOLA | AUTOMOTIVO



FRANTZ ROLAMENTOS

☎ 98430-0158 ☎ 3713-1006 | 3715-6357 📍 Travessa Érico Veríssimo, 156



Parabéns Colono e Motorista!
Que produzem e transportam as riquezas desta terra, contribuindo para o desenvolvimento da nossa região.

Areial Santa Cruz
Areia | Brita | Terraplenagem

51 3719-1474
51 99954-2904

Rua Victor Frederico Baumhardt, 216
Distrito Industrial - SCS

Quem está sempre produzindo e transportando crescimento merece nossa homenagem.

Parabéns Colono e Motorista!

A&B

- ADMINISTRATIVO
- AMBIENTAL
- CÍVEL
- IMOBILIÁRIO
- PREVIDENCIÁRIO

AREND & BACKES
ADVOGADOS ASSOCIADOS
OAB \ RS 6.215

Rua Ten. Cel. Brito, 1075 \ S. 604 \ Santa Cruz do Sul
Fones: 51 3056.2140 \ 51 3711.1208
www.arendbackesadvogados.com.br

Consciência na estrada

INICIATIVA desenvolvida junto aos condutores tem o objetivo de reduzir a ocorrência de acidentes

Uma iniciativa desenvolvida por uma empresa de Venâncio Aires tem ajudado a prevenir acidentes nas rodovias. Prestes a completar 30 anos, a Augusta Internacional lançou um programa que visa preparar suas equipes com o objetivo de evitar ocorrências nas estradas.

Com uma frota de 161 veículos, a transportadora atua em todo o País e também no Paraguai e Uruguai, levando itens como tabaco cru, contêineres, cigarro, papel, embalagem, alimentos, máquinas, produtos industriais, fertilizantes, substrato, sementes e polipropileno.

Hoje, com todos os veículos rastreados via satélite e com planos de viagem previamente determinados, a empresa tem um conjunto de práticas voltadas à segurança. Segundo o diretor Cesar Augusto Schultz, nos treinamentos os motoristas são orientados com relação ao gerenciamento de riscos. Desde 2006, é desenvolvido o Programa Augusta Acidente Zero (Paaz), que conta com o engajamento de funcionários, condutores e seus familiares. "O objetivo principal do Paaz é manter pelo maior tempo possível a marca do 'zero acidente', através da conscientização dos nossos motoristas e colaboradores, que são estimulados a ter uma direção defensiva constante. Desenvolvemos um trabalho forte em cima da questão da velocidade, adotando um limite máximo, e no caso de situações não conformes aplicamos ações corretivas imediatas, sempre estimulando para que todos entendam a mesma lógica, da importância do 'prevenir para não remediar'", explica.

Segundo o diretor, a abordagem dos profissionais com o objetivo de difundir o programa é feita de modo amplo. Por exemplo, são desenvolvidos treinamentos na área de segurança e bem-estar e de aspectos técnicos, como direção econômica e defensiva. Mensagens motivacionais, suporte psicológico, avaliação e premiação para os motoristas Paaz também integram as iniciativas da Augusta.

E os resultados têm sido animadores. Conforme Schultz, desde que o programa foi implementado, todas as medidas são adotadas de modo constante por meio de monitoramentos, tratando de modo personalizado cada situação. Prova disso é que a empresa já atingiu o recorde de 717 dias sem acidentes. "Para nós, isso é resultado de um trabalho eficiente com o nosso grupo", avalia.

Abordagem dos condutores com o objetivo de difundir o programa é realizada de modo amplo. São desenvolvidos treinamentos na área de segurança e bem-estar, em aspectos como direção econômica e defensiva.



Augusto Schultz: resultados efetivos



Programa desenvolve ações voltadas à orientação dos motoristas e de suas famílias

25 de Julho Dia do Colono & Motorista

Nossa homenagem a quem semeia e conduz o desenvolvimento.



Santa Cruz
SERVIÇOS



santacruzservicos.com.br - /santacruzservicos - /santacruzservicosrs - 51 3056-3004

Santa Cruz em 3 momentos

VIAJANTES ALEMÃES vieram conhecer a colônia no começo, 20 anos mais tarde e já na década de 1930

“ Quando ainda em Rio Pardo, tinham-me recomendado que parasse na casa de um colono à beira da estrada, para tomar um refresco. Segui esse conselho, fui muito bem acolhido pela boa dona da casa, uma alemã, que me ofereceu ovos, cerveja e café.

O caminho daí para Santa Cruz seguia por campos desabitados, cuja indescritível melancolia nada interrompeu, a não ser o encontro com alguns cavalos sem dono pastando, um rebanho de gado e um bando de avestruzes que atravessou, fugindo, nosso caminho. Havia muito que o sol desaparecera no horizonte, e um frescor agradável substituíra o calor abrasador, quando, por fim, nos aproximamos das montanhas entre as quais ficava Santa Cruz, e, cansados, e com bastante fome, chegamos à Praça da Cidade, ou Faxinal de Santa Cruz.”

De *Brasil: Terra e gente (1871)*, de Oscar Canstatt, em tradução de Eduardo de Lima e Castro para a editora do Senado Federal, em Brasília, 2002

Em meados do século 19, num tempo em que recursos de comunicação a distância, como telégrafo, telefone, rádio ou similares, nem eram cogitados, as novas colônias europeias formadas no Sul do Brasil atraíram a curiosidade por se situarem em regiões incógnitas. Para saber como os contêrreos estavam vivendo, viajantes com as mais variadas formações, e dentro das suas possibilidades, enfrentaram todas as adversidades para ir conferir *in loco* essas novas áreas. E, para posteriormente descrever ao mundo o que haviam visto ou ouvido, escreviam e, eventualmente, tendo a habilidade para tanto, desenhavam cenários. Muitos desses relatos foram publicados em diferentes países da atual Europa; traduzidos, ao longo dos anos, constituem um valioso regis-

tro dos primórdios da ocupação por alemães, italianos e outros povos no Sul do Brasil.

Por estar localizada mais próximo de Porto Alegre, e por ser de mais fácil acesso, pelo Rio dos Sinos, a região de São Leopoldo, povoada desde 1824, era ponto de visita quase obrigatório. Mas a proximidade com o centro maior, com as diversas trocas possíveis, logo também reduziu o exotismo. A Colônia de Santa Cruz, na segunda leva da colonização alemã, a partir de 1849, e já na região central do Estado, no interior de Rio Pardo, imediatamente constituiu um “desafio” um pouco maior a viajantes. Era necessário viajar pelo Rio Jacuí até Rio Pardo e de lá enfrentar mais um percurso a cavalo ou carroça até o sopé da Serra Geral, a fim de conferir como viviam as famílias de imigrantes.

O olhar de Oscar Canstatt

Se Avé-Lallemant viu Santa Cruz quando a povoação apenas surgia, outro alemão, Oscar Canstatt, viu-a pouco mais de uma década depois disso. Ele viera ao Brasil em 1868, dez anos após o périplo de Avé-Lallemant pela região, e atuou na Comissão Imperial de Agrimensura, como técnico no campo da agronomia. Como relata no precioso volume *Brasil: terra e gente (1871)*, quis o destino que ele fosse nomeado diretor de uma nova colônia alemã no Rio Grande do Sul! Nada menos do que a nova colônia de Monte Alverne, adiante de Santa Cruz, no interior de Rio Pardo, e já avançada na parte alta em direção à Serra Geral. Se Santa Cruz ainda era isolada e afastada em relação a Rio Pardo (de Porto Alegre e das demais colônias alemãs, então, nem se fala), imagine o novo núcleo de Monte Alverne.

Assim, em 1871 ele refez o mesmo percurso que Avé-Lallemant havia feito: de vapor entre Porto Alegre e Rio Pardo, e desta a cavalo a Santa Cruz, para na sequência tomar posse como diretor. Se Avé-Lallemant já havia manifestado surpresa pelo desenvolvimento de Santa Cruz, não foi diferente com Canstatt, que não poupa palavras para expressar sua boa impressão. “Incontestavelmente, as colônias que lá vi são as mais florescentes de toda a província, depois das de São Leopoldo”, escreve (e sempre se deve lembrar que esta última, naquele momento, já tinha quase 50 anos de existência, enquanto Santa Cruz mal contava duas décadas).

O olhar de Avé-Lallemant

Foi isso que fez, em março de 1858, apenas oito anos após a chegada das primeiras famílias à *Alte Pikade*, o médico alemão Robert Avé-Lallemant (1812-1884), natural de Lübeck, onde também faleceu. Viajando a cavalo a partir de Rio Pardo, chegou ao núcleo urbano que recém havia sido demarcado, e se deparou com um amplo terreno aberto que deveria, mais tarde, se transformar na praça principal da povoação (a hoje Praça Getúlio Vargas). O relato de Robert Avé-Lallemant em seu clássico livro *Viajem ao Rio Grande do Sul (1858)*, editado pela Itatiaia, de Belo Horizonte (MG), traz a rica descrição de uma colônia alemã em seu nascedouro, com impressões emocionantes sobre a superação dos imigrantes e seu imediato progresso na nova terra em que haviam se fixado.

O olhar de Hugo Grothe, em 1934

Em mais um salto temporal, agora de 60 anos, um outro viajante alemão, Hugo Grothe, que mal havia nascido, em Magdeburg, em 1869, quando Canstatt já visitara a região (morreu em Starnberg em 1954), também visitou Santa Cruz. Geógrafo, político, orientalista e escritor, Grothe percorreu com ampla curiosidade todo o Sul do Brasil e da



Foto que o viajante alemão Hugo Grothe fez em 1934 da área urbana de Santa Cruz

América, concentrando sua atenção em especial a colônias formadas por imigrantes alemães. Quando ele se determinou a conhecer Santa Cruz, já não precisava navegar Jacuí acima e sequer percorrer a cavalo o trajeto a partir de Rio Pardo.

A localidade, já bafejada com o progresso advindo da indústria do tabaco (florescente e internacionalizada desde os anos de 1910), possuía ligação aérea a partir de Porto Alegre, graças à Varig. Foi com um avião dessa companhia que Grothe chegou em 1934, pousando no an-

tigo campo da aviação, que inclusive fotografou, em mais um sinal dos novos tempos. E, do mesmo modo, deixou mais um interessante registro do núcleo urbano, do início da década de 1930. Mais uma vez, foi todo elogios para Santa Cruz, como se evidencia em seu livro *In Kamp und Uhrwald Südbrazilins* (Por campos e matas do Sul do Brasil), publicado em 1936 em Berlim, e até o momento, infelizmente, nunca traduzido. Além de um amplo relato, o volume traz as dezenas de fotos feitas por Grothe em seu périplo pelo Sul da América. Uma preciosidade!

Nossa homenagem aos que cultivam a terra e se dedicam a produzir o alimento de cada dia, e aos que cruzam o país transportando riquezas.

Feliz Dia do Colono e Motorista!

CUPPINI
AUTOPEÇAS E SERVIÇOS

☎ 3713-1060 | 3713-2291 | 3056-2291
✉ cuppini@cuppini.com.br
📍 RUA JULIO DE CASTILHOS, 1714, SANTA CRUZ DO SUL

25 DE JULHO
DIA DO COLONO E MOTORISTA

NOSSA HOMENAGEM PARA QUEM PRODUZ E TRANSPORTA AS RIQUEZAS DO NOSSO PAÍS!

Fone/Fax: (51) 3056 3555
Trav. Vinicius de Moraes, 265 - 3º Andar - Bairro Goiás

EXTRHEMA
TRANSPORTES
Nosso negócio, a sua solução.

MW  BATERIAS

25 de julho

Obrigado
colonos e motoristas!

Seu esforço e dedicação diária nos guia em direção a um amanhã melhor!

Rua Professor Ivo Radtke, 68 - Santa Cruz do Sul - RS

 /mwbaterias  (51) 3711-3568



A força da agricultura

TABACO começou a ser produzido pelos primeiros imigrantes e estimulou o desenvolvimento

Praticamente no mesmo momento em que os imigrantes alemães se estabeleceram na colônia de Santa Cruz, com eles uma planta também se fixava nessa terra, no início do ano de 1850: o tabaco. Com a colheita, em seus lotes de terra, os agricultores se impressionaram com a qualidade das folhas, e logo comunicaram isso em toda a região. Ainda que essa produção também fosse para consumo próprio, o sabor e a qualidade do tabaco chamaram a atenção fora, a ponto de em questão de meses ele se tornar um dos primeiros produtos agrícolas tipo exportação.

Ao assegurar um rápido e crescente comércio, o tabaco gerou a receita que permitiu melhorias e novos investimentos nas propriedades, financiando inclusive a construção de novos prédios, a aquisição de máquinas e implementos, de sementes e insumos, e até a infraestrutura comunitária e social, de uso comum, como estradas e escolas. Os primeiros viajantes que visitaram a ainda incipiente colônia, como foi o caso do médico alemão Robert Avé-Lallemant, registraram que o tabaco era, ao lado de alimentos e da criação de aves, suínos e algum bovino, um dos mais pujantes e evidentes artigos da economia regional. E assim seguiu sendo ao longo das décadas seguintes, de maneira que impulsionou a colônia rumo a sua independência administrativa, em 1877.

Com a efetivação do ramal ferroviário com a Estação do Couto, depois Ramiz Galvão, em Rio Pardo, estava aberto o caminho para que o tabaco e os outros produtos tipo exportação da colônia ganhassem o mundo. Não foi outro o resultado que não a idealização do primeiro programa integrado de produção de tabaco, em 1918, quando a ex-Souza Cruz, hoje BAT, firmou os primeiros contratos com agricultores prevendo a aquisição de toda a colheita de folhas deles. Em contrapartida, fornecia insumos e até assistência técnica, o que permitiria o cultivo das plantas de maneira a que resultassem nas folhas mais demandadas no mercado.

Esse modelo, posteriormente adotado por inúmeras outras empresas, a ponto de se transformar em um marco de todo o setor, permanece vigente mais de um século depois. Inclusive ele inspirou várias outras cadeias produtivas a adotá-lo, como a avicultura, a suinocultura, a pecuária leiteira e até alguns segmentos de horticultura e fruticultura. O tabaco foi pioneiro nesse processo e até hoje colhe os méritos, com a projeção internacional conquistada, o que permitiu ao Brasil assumir em 1993 a liderança das exportações de tabaco em folha, nunca mais perdida desde então.



Fotos: Bruno Pedry/Banco de Imagens/GS



Nossa homenagem e reconhecimento àqueles que fortalecem a economia do nosso País, produzindo e transportando as riquezas da nossa gente.

Parabéns Colono e Motorista!

Ao longo dos anos e das décadas, o tabaco praticamente financiou cada pequena melhoria na colônia, a ponto de ser responsável por toda a sua socioeconomia.

RSC 453 | km 2,2 nº 3411

Venâncio Aires - RS | +55 (51) 3793-2200

www.cta.com.br



Trilhos para o progresso

PREDIO DA ESTAÇÃO FÉRREA hoje sedia o Centro de Cultura Jornalista Francisco José Frantz

Ramal ferroviário entre Santa Cruz e Ramiz Galvão foi inaugurado em 19 de novembro de 1905 e atuou até 1965

EXPEDIENTE

Edição:
Dejair Machado
dejair@gazetasul.com.br

Textos:
Dejair Machado
e Romar Rudolfo Beling

Diagramação:
Rodrigo Sperb

Revisão:
Luís Fernando Ferreira

Arte-final:
Neusa Brum

No começo do século 20, a ainda pacata Santa Cruz tinha acabado de completar cinco décadas desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães e já ostentava um inegável perfil de progresso. Apenas 27 anos após o início da colonização, a localidade já obtivera a sua emancipação político-administrativa. Um dos aspectos que inibiam a expansão de atividades e a atração de investimentos eram as vias de acesso. Na época, o esforço para assegurar melhores e mais fáceis ligações mobilizava a todos na florescente colônia alemã.

E isso se tornou realidade com a inauguração do ramal ferroviário ligando Santa Cruz à Estação Couto, depois Ramiz Galvão, em Rio Pardo. A solenidade inaugural da Estação e do Ramal ocorreu em 19 de novembro de 1905, com a presença do governador do Estado, Augusto Borges de Medeiros. Na mesma data, a vila de Santa Cruz foi elevada à categoria de cidade, como lembra o historiador Hardy Elmiro Martin. O prédio da Estação foi construído em área comprada de Carlos Trein Filho e outra pequena fração de Cirino Abdom da Silva Branco. Os trabalhos da construção do prédio ocorreram sob orientação de Henrique Schütz, e ainda foram edificados os armazéns, o abrigo da locomotiva, um poço de 30 metros de profundidade e uma plataforma giratória para direcionar a locomotiva, pois se tratava do fim da linha.

Afora o ramal em si, a Estação, em área próxima ao

centro, constituiu elemento definidor na paisagem, sinal de progresso que ninguém conseguiria estancar. Ainda mais para uma região que se impunha pela produção de tabacos, já um dos principais itens de exportação da colônia. E que, graças ao ramal ferroviário, logo passou a atrair grandes investidores estrangeiros.

Os trilhos que partiam de Santa Cruz rumo a Ramiz Galvão, de onde passageiros e os produtos se transferiam para a grande malha ferroviária interligando o Rio Grande do Sul em todas as direções, em especial Porto Alegre, foram a aorta que impulsionou a economia e a cultura locais por cerca de seis décadas. E só se esgotou em 1965, quando o trem deixou de rodar, já em um tempo com a ligação por terra aberta pela área central gaúcha, entre Santa Maria e Porto Alegre, passando por Santa Cruz. Quando a Estação Férrea, localizada na atual Rua Ernesto Alves, deixou de ser o centro das atenções, correu sério risco de ser demolida, para que a ampla área de manobra e de armazenagem do entorno tivesse outro destino econômico na comunidade.

Foi então que o Conselho Municipal de Cultura li-



Banco de Imagens/GS

Prédio da antiga estação férrea, um dos espaços mais importantes da história regional

derou uma campanha, desde 1978, para que a Estação viesse a ser transformada em Centro de Cultura. E, no final das contas, a Prefeitura efetivamente se encarregou da restauração. Hoje, a imponente e bela Estação sedia o Centro de Cultura Jornalista Francisco José Frantz, homenageando o fundador da *Gazeta do Sul* e da *Gazeta Grupo de Comunicações*.

De arquitetura imponente, com um avanço de dois pisos e dois anexos com altura de pé-direito aumentado, apresenta qualidades urbanísticas marcantes, em ponto focal na Rua Ramiro Barcelos, podendo ser apreciada desde a rua principal, a Rua Marechal Floriano.

DIA DO COLONO E MOTORISTA

IMPOSSÍVEL TER UMA DATA MELHOR PARA DEFINIR TRADIÇÃO E DESENVOLVIMENTO

25 de julho é uma data que ajuda a definir Santa Cruz. Este ano, celebramos os 197 anos da imigração alemã em nosso município, um marco que está presente até hoje no dia a dia da nossa gente e no desenvolvimento da nossa cidade. Falando em desenvolvimento, também celebramos o Dia do Motorista, profissionais que conectam vidas pelas estradas até mesmo em tempos de pandemia.



MUNICÍPIO DE
SANTA CRUZ DO SUL

VIVER
AQUI É
BOM
DEMAIS

santacruz.rs.gov.br